

ARQUEOLOGIA

## O Culto Oculto

*No Alandroal, uma equipa de arqueólogos procura vestígios de um culto religioso que remonta à ocupação romana. Terá Endovélico sido mais do que um deus regional?*

*Texto de Gonçalo Pereira Fotografias de Nuno Correia*

**E**stá calor no Alandroal, a poucos quilómetros de Vila Viçosa. Desde Outubro do ano passado que esta vila pacata se entusiasma com a descoberta do "doutor". O "doutor" é Carlos Fabião, professor do Centro de Arqueologia da Faculdade de Letras de Lisboa, especializado no período romano. Desenganem-se os mais cáusticos: o Alandroal conhece bem o seu património. A maioria das pessoas sabe que foram recuperadas seis estátuas e uma ara do local onde outrora esteve a igreja de São Miguel da Mota e que nas imediações funcionou em tempos um santuário de culto a Endovélico, uma divindade misteriosa. A população sabe também que, em 1890, o arqueólogo Leite de Vasconcellos fez aqui descobertas e levou posteriormente o espólio para Lisboa.

Encontramo-nos no centro da vila com Amílcar Guerra, a segunda face do projecto. O acesso ao sítio arqueológico é sinuoso. Leva-nos ao coração do eucaliptal plantado na década de 1980, quando se pensava que residia nesta árvore o petróleo verde português. O santuário é singelo, quase passaria despercebido, não fossem os homens que à torreira do sol escavam em várias sondagens. A vista, todavia, compensa a viagem. Dali apreciam-se os concelhos vizinhos e uma extensão apreciável de rios, mato e casas. Vem à memória o lamento dos alandroalenses de que este é um concelho maldito: está perto do vinho de Borba e do mármore de Vila Viçosa, mas não tem nenhuma dessas riquezas.

Carlos Fabião recorda bem a semana em que a sua equipa fez uma descoberta imprevisível. "Em Outubro, íamos fechar os trabalhos. Já tinha começado a chover e o acesso ao local era mais difícil", conta o arqueólogo. "A retroescavadora da Câmara estava pronta para fechar a estação arqueológica. Decidimos, no entanto, levantar o último pedaço do chão da igreja que Leite de Vasconcellos deixara. Vimos um pedaço de mármore e decidimos retirá-lo por descargo de consciência. Pensámos que seria mais um fragmento, mas esse pedaço conduziu-nos às estátuas, depositadas por debaixo do pavimento." Encostadas umas às outras, elas preenchiam o solo até à rocha e tinham sido ali colocadas pelos construtores da igreja cristã (tardia, talvez do século XIV) como entulho.

Nas suas aulas da Faculdade, Carlos Fabião e Amílcar Guerra esforçam-se por explicar aos estudantes que as descobertas em arqueologia resultam de esforços continuados e não de golpes de acaso. Há um ano, em entrevista que me



Há uma boa probabilidade de esta cabeça retratar o deus Endovélico. "Nesta altura, só os deuses tinham barbas nas estátuas romanas", diz o arqueólogo Carlos Fabião. Esta face é... a cabeça de cartaz da exposição "Religiões da Lusitânia", do Museu Nacional de Arqueologia.

CABEÇA DO DEUS ENDOVÉLICO, MUSEU NACIONAL DE ARQUEOLOGIA

concedeu, Carlos Fabião admitira que "a maioria das descobertas arqueológicas nem são fotografáveis" e que o trabalho se "faz essencialmente antes e depois da descoberta". Desmentido pela sua própria experiência, o arqueólogo encolhe os ombros. Em muitos aspectos, o Alandroal é especial na arqueologia portuguesa.

O culto de Endovelico é conhecido desde o século XIX. Os trabalhos do arqueólogo Leite de Vasconcellos em 1890 no Alandroal revelaram várias estátuas e aras colocadas em São Miguel da Mota em honra desta divindade. As inscrições deixavam perceber a dimensão do culto e permitiam especular sobre a existência de um santuário de devoção. O próprio Leite de Vasconcellos cimentou esta noção, argumentando que os indícios apontavam para a romanização de um culto anterior – a apropriação de uma entidade religiosa local.

Esta ideia tornou-se cara em Portugal. Endovelico foi sinónimo de um deus genuíno, "português" de gema, símbolo dos antepassados lusos. "Ainda hoje, a dimensão mítica do culto se manifesta sob as mais diversas formas", diz-me Carlos Fabião. Para o provar, faço uma pesquisa à palavra "Endovelico" num motor de busca da Internet. Os resultados revelam pistas imprevisíveis. Uma agência de viagens promove visitas à "rota do Endovelico"; uma página mística recorda os cultos do passado; uma banda de "hard rock", que se assume como nacionalista, invoca Endovelico como ícone dos primeiros portugueses. A popularidade deste culto faz dele um enigma.

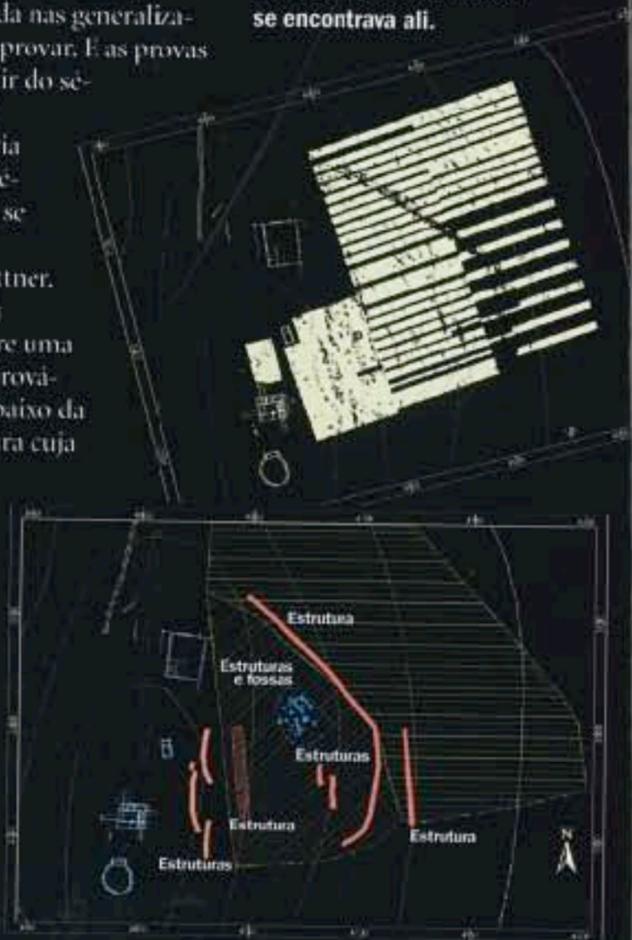
A equipa de arqueólogos, composta também por Rui Almeida e Thomas Schattner, do Instituto Arqueológico Alemão, é mais comedida nas generalizações. Como uma investigação forense, limita-se ao que pode provar. E as provas permitem deduzir que o local foi ocupado pelo menos a partir do século I d.C. "É uma fase em que a conquista do território está consolidada. A região, próxima de Mérida, capital da província romana da Lusitânia, está perto das jazidas de mármore, matéria-prima de eleição. A arqueologia não sabe explicar porque se escolheu este sítio, mas pode assegurar que existia aqui um santuário, com estruturas construídas", explica Thomas Schattner.

Leite de Vasconcellos pensou que a igreja de São Miguel da Mota estava construída sobre o santuário romano ou até sobre uma estrutura anterior. Veio aqui duas vezes, mas não conseguiu prová-lo. "Nem poderia", diz Carlos Fabião. "Sabemos agora que debaixo da igreja havia apenas rocha." O engano foi originado por uma ara cuja inscrição fazia referência a um templo. Mas existiram aqui estruturas arquitetónicas. "Temos materiais de construção reutilizados em estruturas posteriores ou dispersos pelo chão. Temos cerâmicas de cobertura. E temos uma estátua, que servia de pilar numa estrutura de alpendre. O segundo pilar/estátua estará aqui, algures, para nós descobrirmos", diz Carlos Fabião.

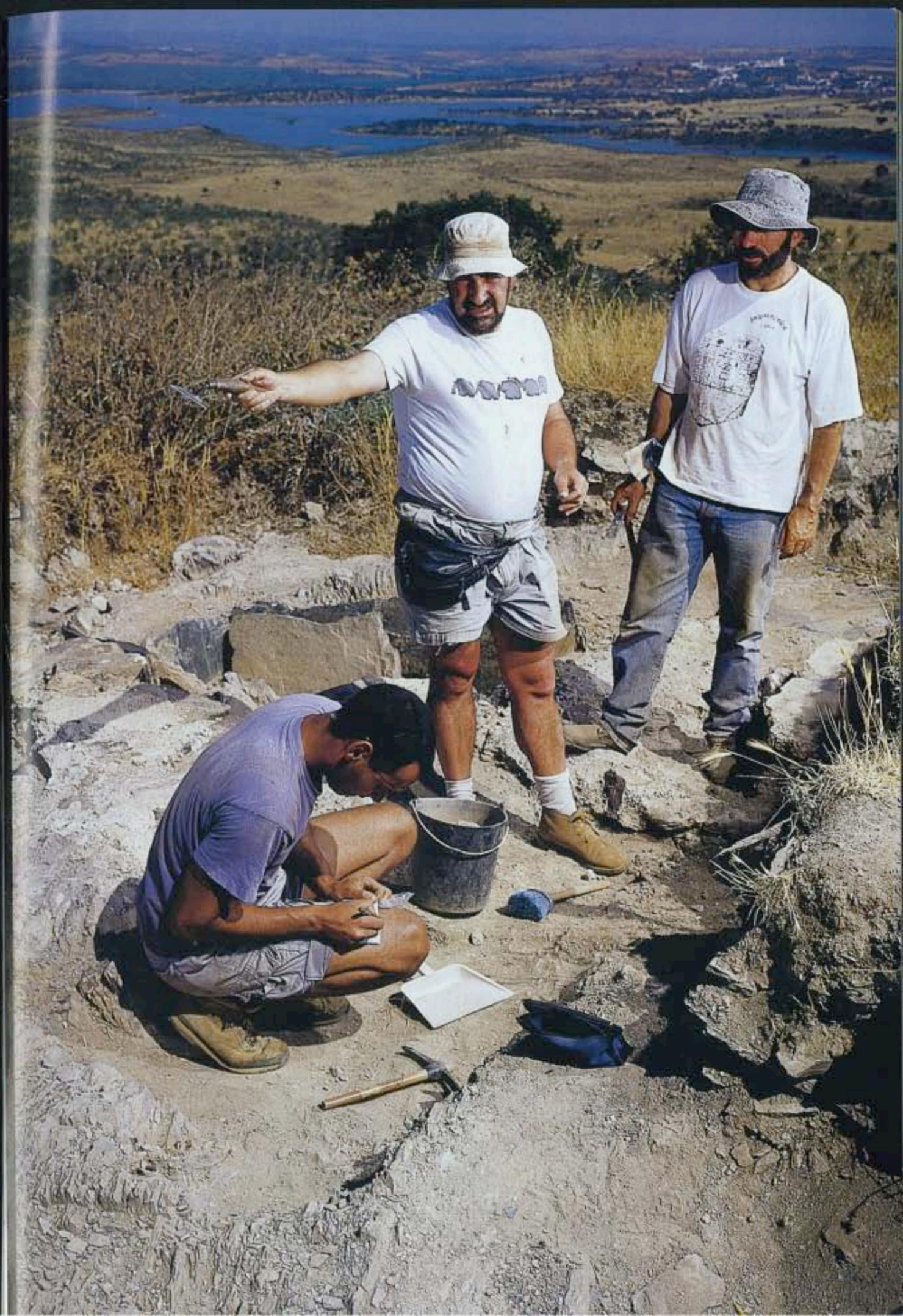
Este ano, a equipa descobriu também o fecho de um arco. "Encontramos ainda ânforas que terão servido para transportar alimentos. Os devotos vinham, participavam em cerimónias e... tinham de comer", diz Carlos Fabião. "No mundo romano, existia a prática de banquetes nos rituais religiosos. Para esse fim, teriam de existir aqui estruturas de apoio logístico. Estamos convencidos de que as suas ruínas se encontram na zona superior da encosta ainda por escavar", defende o arqueólogo, que voltará ao local no próximo Verão.

O nome Endovelico é notoriamente pré-romano. As marcas de romanização da divindade são evidentes.

No século XIX, o arqueólogo Leite de Vasconcellos assumiu que os construtores da igreja cristã de São Miguel da Mota (talvez do século XIV) teriam aproveitado um templo romano ou anterior que já existia no local. A inscrição numa ara fala da oferta de uma estátua de prata, o que pressupõe um local onde ela seria depositada e onde um ou mais acólitos a pudessem guardar. Mas o trabalho de Rui Almeida, Carlos Fabião (ao centro) e Amílcar Guerra permitiu concluir que o templo romano não se encontrava ali.



Em cima, a cartografia resultante das prospecções geomagnéticas; a segunda imagem é uma interpretação, que permite detectar estruturas e fossas na vertente Este da ermida de São Miguel da Mota.



Por descargo de consciência, a equipa de arqueólogos levantou o resto do pavimento da Igreja. "Entre o chão e a rocha, estavam depositadas seis estátuas romanas", conta Carlos Fabião. "Foram utilizadas como entulho para preencher o solo". As estátuas dão conta da actividade do santuário. "No mundo romano, a relação com os deuses é regida por relações de troca: a divindade concede favores, e o devoto manda erguer estátuas, aras ou outras ofertas em sua graça. Uma das estátuas servia de pilar numa estrutura arquitectónica. A descoberta levou a duas conclusões: terá provavelmente de existir uma segunda estátua e existiu, neste santuário, um elemento arquitectónico monumental.

ARQUEOLOGIA / PAULO ENDA / L&L





Depois da descoberta, as estátuas foram transportadas para o Museu Nacional de Arqueologia (MNA), onde se efectuaram trabalhos de limpeza, colagem, consolidação (à esquerda) e restauro. E agora onde ficarão? Os alandroalenses pretendiam que o espólio ficasse num museu a construir na vila, mas o destino final poderá ser a colecção do MNA, na companhia das peças recolhidas por Leite de Vasconcellos em 1890.

Thomas Schattner considera que este é o factor mais interessante da descoberta: "As crenças religiosas são a última coisa que o povo conquistado quer legar ao conquistador. Mas aconteceu. Aqui, no Alandroal, e em dois locais espanhóis – em Ávila e em Cangas (na Galiza)."

O Instituto Arqueológico Alemão tem sido parceiro das equipas de escavação em Cangas e no Alandroal e espera também fazer uma intervenção em Ávila.

"Algumas inscrições descobertas em Ávila referem-se à divindade Véllico.

Ávila poderá claramente ser uma projecção deste culto, a várias dezenas de quilómetros de distância, o que significaria que Endovéllico, com as suas diversas variações fonéticas, seria mais do que uma divindade regional."

De volta ao Alandroal, os arqueólogos juntam os materiais colhidos ao espólio classificado durante esta campanha. No computador, Amílcar Guerra relê as inscrições das lápides descobertas há cem anos e compara-as com as mais recentes. A tradução de uma das lápides desperta alguns sorrisos. "Consagrado a Endovellicus, Lucius Terentius Maximus e Terentia Maxima, segundo ordem infernal, de bom grado fizeram". Esta invocação é caso único entre as cerca de cem aras aqui descobertas. Mas revela que um culto não tem de ser realizado uniformemente.

Última paragem: o Museu Nacional de Arqueologia (MNA), em Lisboa. Luís Raposo, o enérgico director da instituição, recebe-nos no seu gabinete, onde uma fotografia em tamanho real de Leite de Vasconcellos exemplifica a importância deste pioneiro para o museu. O que me traz aqui são questões políticas e não propriamente científicas. Desde a descoberta de 2002 que os alandroalenses temem que este novo espólio tenha o mesmo destino do do século XIX e venha para Lisboa. "Não faz sentido que seja de outra forma", argumenta Luís Raposo. "O espólio faz parte das colecções do MNA. Tem valor nacional, pois complementa os trabalhos realizados pelo fundador da instituição em 1890 e faz parte de uma mensagem sobre Endovéllico e as religiões da Lusitânia que interessa conservar em Lisboa." O director do MNA defende a criação de um centro de interpretação das ruínas no Alandroal, no qual poderiam constar réplicas dos materiais. Entretanto, o destino do espólio será decidido pelo Ministro da Cultura.

Na vila alentejana, a questão é debatida acaloradamente. Ninguém quer "o espólio em Lisboa", mas a batalha é inglória. Entretanto, na sede do MNA, a exposição sobre religiões da Lusitânia bate recordes de adesão. Para os cartazes de promoção, foi escolhida a cabeça de um deus – Endovéllico, naturalmente. □